

Contra o absoluto: heranças em rebeldia.¹

O presente dossiê, intitulado “Práticas Artísticas Contracoloniais”, reúne artigos que abordam práticas, imaginários, projetos e reflexões que valorizam a diferença. A partir de diversas mídias, contextos e pontos de vista, este volume reúne as experiências de artistas, curadores, acadêmicos e profissionais das artes que buscam dar visibilidade, voz e acolhimento às comunidades marginalizadas pela hegemonia patriarcal e colonial que a branquitude ocidental apagou de seu contexto histórico.

Com inspiração no pensamento de Nego Bispo (2023), para quem o termo “contracolonialidade” diz respeito aos povos que não chegaram a ser colonizados e cujos modos de existência seguem configurando resistências, alternativas à lógica colonial, este dossiê se alinha também a uma perspectiva decolonial, à medida em que busca, dentro da lógica hierárquica da instituição universitária, burlar o cânone eurocêntrico e polinizar diferenças, num processo de auto-descolonização.

Desde uma perspectiva teórica, as estéticas decoloniais se inscrevem na crítica à colonialidade do poder, do saber e do ser, conforme formulado por Aníbal Quijano (2000), ao problematizar as hierarquias epistêmicas e raciais herdadas do projeto moderno/colonial. Nesse sentido, seguindo Walter Mignolo e Catherine Walsh (2018) a estética é entendida como um espaço de desobediência epistêmica que possibilita outras formas de conhecer, sentir e narrar o mundo a partir de lugares de enunciação historicamente subalternizados.

Em sua dimensão poético-performativa, as práticas reunidas neste dossiê ativam linguagens sensíveis que rompem com a racionalidade instrumental e os regimes coloniais de percepção, propondo formas de criação que incorporam memórias situadas, afetos e corporeidades. Essas poéticas não buscam meramente representar a diferença, mas produzi-la como experiência, abrindo fissuras nas gramáticas visuais, narrativas e performativas dominantes.

Desde uma perspectiva político-artivista, as estéticas contra/decoloniais operam como práticas de intervenção que articulam criação artística, a ação coletiva e as disputas territoriais, questionando as lógicas extrativistas, patriarcais e raciais do capitalismo colonial. A arte

¹ O termo “heranças em rebeldia” faz menção ao festival chileno “Herencias en Rebeldía”, organizado por um grupo de professores da Universidade Católica do Chile, que pretendia refletir sobre a colonialidade da arte desde práticas artísticas e culturais múltiplas, incluindo comunidades tradicionais. Em novembro de 2023, Alejandra, Marta e Cleber, organizadores deste dossiê, participaram em conjunto deste mesmo festival - sendo que o presente dossiê configura-se como um tipo de desdobramento dessa experiência.

configura-se, assim, como um dispositivo de resistência e reexistência que, em diálogo com as lutas comunitárias, os movimentos sociais e o saber ancestral, contribui para imaginar e ensaiar outros futuros possíveis.

Partindo de práticas performativas que destacam as ações da comunidade LGBTQI+ a documentários e ficções audiovisuais, passando por produções teatrais que enfatizam as dimensões culturais anti-hegemônicas, passando também por propostas curatoriais e álbuns de retratos que revisam a estrutura do arquivo visual para desafiar os sistemas de afiliação, dependência e subordinação da história da arte eurocêntrica, pelas narrativas que nomeiam corpos situados e elaboram aqueles “mapas do desejo” que o discurso oficial obscurece sob regimes de censura e punição, tudo neste dossiê aponta no sentido de um cruzamento de insurgências, um tatear de outros caminhos possíveis para um fazer artístico mais comprometido com a vida nestes tempos de forte avanço necropolítico.

Os textos são propostos como derivas, nas quais a arte se reafirma como um espaço de enunciação, um lugar para abrigar os esquecimentos, os silenciamentos e a invisibilização que o projeto colonial impôs às suas narrativas da história das artes. Para tanto, estão agrupados em blocos, à medida em que comungam de partilhas mnemônicas, como na seção **MEMÓRIAS, ARQUIVOS E MUSEOLOGIAS**; que articulam insurgências gênero-sexuais, a exemplo da seção **DISSIDÊNCIAS, MAPAS DO DESEJO, CORPOS EM TRÂNSITO**; que desterritorializam a ideia de arte desde práticas que promovem o enfrentamento ao racismo, ao racionalismo eurocêntrico, ao cânone artístico, caso da seção **TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS, TRANSBORDAMENTOS E CIDADES**; ou que se detêm sobre experimentos contra-pedagógicos (SEGATO, 2018) que põem em xeque a violenta educação dos sentidos - desestabilizando a estreita compreensão vigente sobre o que pode ou não alcançar o status de obra de arte, reunidos na seção **CONTRAPEDAGOGIAS E ARTE**.

Nesse sentido, por exemplo, numa perspectiva de estética contracolonial/decolonial, a poética de Cecilia Vicuña e Luiza Romão configura práticas de reinscrição sensível que desestabilizam os regimes coloniais de visibilidade, escrita e conhecimento. O corpo emerge não apenas como um lócus de conhecimento, mas também como um arquivo vivo e transgeracional onde gesto, voz, ritmo e materialidade ativam memórias historicamente subalternizadas, como defendido por Leda Maria Martins. Através de fios, sangue, voz e imagem, essas práticas poético-performativas operam como tecnologias relacionais que desafiam a hierarquia moderna entre oralidade e escrita, texto e performance, arte e política, produzindo formas de desobediência epistêmica que rompem com a linearidade temporal da narrativa colonial. Nesse contexto, a estética contracolonial/decolonial não é concebida como um campo exclusivamente

representacional, mas como uma práxis ativista de reexistência que, ao articular a criação artística, a ação coletiva e a territorialidade, possibilita modos alternativos de produção, circulação e legitimação do conhecimento, deslocando a centralidade do cânone eurocêntrico e reinscrevendo a palavra poética no comum.

Alejandra Wolff

Cleber Braga

Marta Sierra

(Organizador/as)

Referências

Quijano, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**, editado por Edgardo Lander, 201–246. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

Mignolo, Walter D., y Catherine Walsh. **On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis**. Durham: Duke University Press, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo dos. 2023. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldade**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

Alejandra Wolff Rojas é artista visual, investigadora e docente. Mestre em Artes Visuais e Doutora em Literatura. Atualmente dirige o Centro de Documentação Angélica Pérez Germain do Museu Nacional de Belas Artes do Chile. Seus campos de interesse desenvolvem-se em torno das práticas artísticas e literárias latino-americanas contemporâneas, abordadas a partir dos estudos de gênero, memória, arquivo e descolonialidade. É coordenadora e docente do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Gestão de Museus, Patrimônio e Comunidades da Pontifícia Universidade Católica do Chile. Realizou exposições e curadorias de artes visuais e ativações documentais no Chile e no exterior. Publicou textos críticos de arte em edições acadêmicas e de divulgação.

Cleber Braga é Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com período sanduíche no Programa de Estudos Latino americanos da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). É Mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com instância de investigação na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Granada (UGR), na Espanha. Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP/UNESPAR), atua como docente no Departamento de Artes da Cena da Universidade Federal de São João del-Rei, tanto na graduação em Teatro quanto no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC). Autor do livro " CUIRexílios: uma fantasmografia artística na transfronteira mexicanobrasileira", é ainda diretor teatral, poeta e dramaturgo.

Marta J. Sierra é professora de Literatura Latino-Americana e Estudos de Gênero no Departamento de Modern Languages and Literatures do Kenyon College (Estados Unidos). Sua pesquisa situa-se na interseção entre literatura, artes visuais e cinema na América Latina, com especial ênfase nos estudos da memória, nos feminismos transnacionais, nas teorias pós-coloniais e descoloniais e nas estéticas da precariedade. É autora e organizadora de diversos livros e volumes coletivos, entre os quais se destacam *Gendered Spaces in Argentine Women's Literature*, *Postales femeninas desde el fin del mundo* e *Geografías Imaginarias: Espacios de resistencia y crisis en América Latina*, além de artigos publicados em revistas acadêmicas internacionais. Proferiu conferências como convidada e apresentou trabalhos em congressos internacionais como LASA, MLA e IILI, e sua produção estabelece um diálogo constante com práticas artísticas contemporâneas e com debates críticos sobre território, corpo, afeto e violência histórica no Sul Global.